



XVIII ENANPUR
NATAL 2019
27 a 31 maio

Espaço Público e Urbanidade: expressões da cotidianidade no Centro de Maceió-AL

Autores:

Roberta Félix Maia - UFPE - robertamaiaa@outlook.com

Caroline Gonçalves dos Santos - UFAL - littlecarols@gmail.com

Resumo:

A dinâmica socioespacial das cidades contemporâneas revela como os sujeitos se apropriam do espaço público. Na cidade de Maceió, capital alagoana, esse estudo aborda o bairro do Centro, núcleo de origem da cidade, que narra sua história urbana e continua seu processo de evolução. Sua transformação está intrinsecamente ligada com a dinâmica da sociedade no espaço. Compreender essa relação faz parte da construção de uma análise socioespacial, pois reflete a importância dos espaços públicos ali existentes. Assim sendo, toma-se como estudo algumas ruas, definidas através das suas representatividades no bairro, a fim de esclarecer como se dá a apropriação dos usuários. Almeja-se com isso, demonstrar os resultados dessa pesquisa, adquiridas pelas experiências de integração social nesses espaços, e assim, contribuir para reconstrução de significados do Centro, visto que considerou-se que a área de estudo apresenta deficiências que interferem na efetiva urbanidade do lugar. Porém, seu potencial é notório, já que é lugar de passagem obrigatória, contém espaços livres que podem propiciar momentos de encontro e uma paisagem digna de ser observada.

ESPAÇO PÚBLICO E URBANIDADE

Expressões da cotidianidade no Centro de Maceió-AL

INTRODUÇÃO

As cidades brasileiras apresentam na sua trajetória uma similaridade em seu surgimento, que advém de um núcleo onde se concentrava todas as funções necessárias para sua organização: habitação, comercial, serviços, institucional. É a partir desse núcleo que começa sua expansão para outras áreas, e aquilo que até então representava toda a cidade, passa a ser definido como os centros urbanos, devido sua localização, história e significados.

Destarte, os espaços públicos que estão contidos nos centros carregam características que vêm dos períodos mais remotos até a contemporaneidade, e recontam os processos acumulativos da intervenção humana nesse meio (SANTOS, 2006). Assim, a sociedade é o elemento indiscutível do espaço público, seu aspecto essencial, pois determina o uso e função do espaço a partir de sua apropriação.

Nada obstante, os espaços públicos das cidades podem oferecer aos seus usuários maiores possibilidades de interação, seja com o meio e/ou com outras pessoas, fazendo a interação corpo e espaço acontecer. Assim, o espaço público é o lugar onde as pessoas se encontram e interagem entre si e com o entorno; lugar onde a vida acontece através das trocas cotidianas de seus usuários. Diante desse contexto, os centros urbanos apresentam em seu espaço público uma dinâmica intensa, suas trocas cotidianas são constantes e suas funções levam todos a usufruir dos espaços/serviços que dispõe, seja transitoriamente ou permanentemente.

Logo, este artigo refere-se à dinâmica socioespacial que acontece no bairro do Centro de Maceió, capital alagoana, com o objetivo central de conhecer, reconhecer e distinguir modos como esses espaços são apropriados por seus usuários a partir de uma leitura imagética, a fim de verificar a presença de urbanidade e a possibilidade de melhorias na qualidade urbana. A identificação das motivações que levam seus usuários a transitar e/ou permanecer nos espaços públicos, que se deu por meio de pesquisa de campo, experimentando e observando sua dinâmica¹.

¹ Esta pesquisa foi realizada, inicialmente, para o Trabalho Final de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo, intitulado *O Corpo como Expressão da Cotidianidade: cartografando a urbanidade dos espaços públicos no Centro de Maceió-AL*. O aprofundamento dessa temática está sendo desenvolvido no Mestrado em Desenvolvimento Urbano-UFPE.

A observação teve um papel fundamental nesta pesquisa, no intuito de apreender a realidade intrínseca no Centro, utilizando-se do método observacional participativo, no qual o pesquisador atua como um espectador atento, vendo e registrando o que interessa ao trabalho, interagindo e compartilhando das sensações do lugar. Esse método foi realizado em conjunto com algumas técnicas, e neste artigo serão enfatizados alguns mapas temáticos e registros fotográficos do cotidiano.

Sendo assim, este artigo foi construído em tópicos, em que procura-se abordar os conceitos relacionados ao espaço e a urbanidade, visto que foram elementos norteadores desta pesquisa. Além disso, tratarei sobre a metodologia aqui proposta, elencando alguns autores e suas respectivas pesquisas, no sentido de apresentar a construção da base para o desenvolvimento da análise socioespacial.

Após esse momento, buscamos discutir sobre os resultados obtidos com a análise socioespacial proposta, utilizando-se de mapas temáticos, fotografias e relatos subjetivos das experiências obtidas no registro de campo. E também, correlacionamos as informações com os conceitos e características advindos da urbanidade e da metodologia utilizada, na tentativa de responder questionamentos sobre a urbanidade existente nos espaços públicos do Centro.

Por fim, com esta pesquisa almeja-se cartografar a cotidianidade do Centro de Maceió através de imagens construídas, sobretudo experienciadas através da pesquisa de campo, no intuito de construir repertórios que contribuam para o desenvolvimento do cenário urbano. É importante destacar que as pessoas representam o dinamismo da cidade, configurando particularidades, somando qualidades urbanas ao espaço, sendo as principais motivadoras da realização desta pesquisa.

CONCEITUANDO O ESPAÇO

Os processos de apropriação socioespacial apresentam o espaço como resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, levando-se em consideração que “o espaço não é uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (SANTOS, 2012, p. 30). O espaço não pode ser compreendido somente por seus elementos geográficos, naturais, deve-se levar em consideração o conjunto de todas as ocorrências que dele participam, de suas relações, da dinâmica da sociedade.

Desse modo, os processos de apropriação socioespacial são possíveis a partir de um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, reunindo, assim, a materialidade e a vida que o anima. Esses objetos são determinados pelas ações empregadas pelo homem, e é, a partir dessa ação que o espaço tem sua dinâmica e se transforma. Assim, objetos e ações são tratados como sistemas indissociáveis (SANTOS, 2006). Entende-se que o espaço está em constante mudança, redefinindo seus significados por meio da dinâmica que é impulsionada pela sociedade. E é, esse movimento da sociedade que permite alteração na organização do espaço, que renova e gera novas funções, novas situações.

Percebe-se então que, o espaço é a junção da paisagem, ou seja, da materialidade através do tempo, com as ações do homem que lhe dá dinamismo e funcionalidade (SANTOS, 2012). É a partir dessa ação que o espaço se transforma e adquire novas configurações, a técnica é o elemento de mudança. É através dela que o homem, à medida que utiliza os instrumentos de trabalho, vai transformando a natureza, criando espaços, modificando paisagens. Assim, as técnicas participam da percepção do espaço, e por meio delas o homem realiza a união entre espaço e tempo, no qual ambos estão entrelaçados nos processos sociais. Assim, as práticas humanas podem ser encontradas por toda cidade e se perpetuam no espaço.

Harvey (2014) ao tratar sobre as qualidades humanas da cidade, acaba por definir o espaço onde surgem essas práticas, e coloca a cidade como “o lugar onde pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que de maneira relutante e conflituosa, para produzir uma vida em comum, embora perpetuamente mutável e transitória” (HARVEY, 2014, p. 134). Ora, esse espaço de trocas cotidianas entre os sujeitos, conflituosas ou não, nada mais é que o espaço público.

A partir dessa definição de espaço público, tem-se um aspecto essencial para sua apropriação: a copresença de indivíduos, que vai determinar a socialização popular e o uso e função do espaço. Percebida essa característica fundamental do espaço público, apresenta-se alguns conceitos que complementam essa discussão.

“Os espaços públicos são, nesse sentido, lugares onde os problemas são assinalados e significados, um terreno onde se exprimem tensões, o conflito se transforma em debate, e a problematização da vida social é posta em cena. Ele constitui, por isso, uma arena de debates, mas também um terreno de reconhecimento e de inscrição dos conflitos sociais. Por essa razão, esses espaços são marcadores fundamentais da transformação social” (GOMES, 2012, p. 24).

Esse conceito traz a sociedade como elemento indiscutível do espaço público, que gera o próprio movimento da cidade, identifica lugares e adquire significados, e à medida que essa sociedade se modifica, o meio sofre alterações.

Serpa (2016) também cita esse aspecto social para sua denominação do espaço público na cidade, alegando-o como o espaço da possibilidade da ação política, teoricamente comum a todos, no sentido de que poucos se beneficiam do seu usufruto; visto como espaço simbólico e da intersubjetividade, ligado a produção e reprodução do cotidiano.

Assim, os espaços públicos das cidades podem oferecer aos seus usuários maiores possibilidades de interação, seja com o meio e/ou com outras pessoas, fazendo a interação corpo² e espaço acontecer.

² Pallasmaa (2011, p. 38), indica que “nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o ambiente; o mundo e a individualidade humana se redefinem um ao outro constantemente. A percepção do corpo e a imagem do mundo se tornam uma experiência existencial contínua; não há corpo separado de seu domicílio no espaço, não há espaço desvinculado da imagem inconsciente de nossa identidade pessoal perceptiva”.

E para essa discussão Carlos (2015) considera a seguinte definição para o espaço público:

“Nessa perspectiva, podemos afirmar que o espaço público aparece como o lugar da realização concreta da história individual como história coletiva, pela mediação dos lugares de realização da vida. O conceito de espaço público, portanto, liga-se a uma práxis determinada, ela própria invadida por conteúdos simbólicos. O espaço público revela o uso e este se liga às determinações da troca social em sua objetividade-subjetividade, material e simbólica” (CARLOS, 2015, p. 132).

Destarte, nota-se que o espaço público tem em sua essência a troca cotidiana entre os sujeitos, e sua relação subjetiva com o espaço, que está relacionado a temporalidades que constituem a vida urbana.

“Esquecemos que a experiência urbana se realiza nesse convite intemporal de gestos e, portanto, em um território marcado pela sincronia de tempos cujos sentidos estão como que entre fechados, estabilizados e definidos e pela acronia, dada pela indeterminação e pela abertura de sentidos. É ela, esta última, que questiona as próprias visões determinadas de tempo e nesse convite sempre renovados propõe a apropriação e, com ela, a conservação, a subversão, a inversão” (PEREIRA, 2017, p 152).

E é nesse movimento numa construção temporal que esse espaço adquire suas características e se desdobra ao longo da história da sociedade, numa relação de produção e reprodução do espaço e das experiências humanas. Então, a experiência espacial tem seu valor a partir da ocupação humana e suas sensações envolvidas; as práticas do cotidiano revelam a experiência pessoal como marca do espaço habitado.

“Agora, não apenas as referências culturais estabelecem as condições sob as quais cada sociedade vivencia o espaço que habita, mas a experiência, pessoal e intransferível, determina a compreensão que as pessoas têm dele e, conseqüentemente, o modo como o definem” (LEITÃO, 2014, p. 23).

A vida social acontece nesse espaço interdisciplinar, o público que o abriga é considerado sua essência. Esta pesquisa buscou compreender as relações socioespaciais no espaço público contemporâneo do Centro da cidade de Maceió, a fim de demonstrar o cotidiano que ali acontece, através de um olhar sensível e manifesto.

A BUSCA PELA URBANIDADE

A urbanidade é vista como um conceito que define a vida da cidade, se constituindo através das relações sociais no espaço. Tem-se aqui, o corpo individual e coletivo se materializando nesse espaço, se apropriando, repercutindo experiências (AGUIAR, 2012).

Então, as cidades tornam-se mediadoras dessa dinâmica, composta pela vida social, interligam as estruturas e definem os espaços livres para usufruto da população como um todo. É com base nessa troca de experiências que a urbe é formada, podendo ser dotada ou não de urbanidade. Para Aguiar (2012) o conceito de urbanidade se refere ao modo como os espaços da cidade acolhem as pessoas.

Assim, o espaço da cidade experienciados por seus usuários, seja de forma individual ou coletiva, gera movimento no meio, traz vivacidade aos lugares. No entanto, é importante compreender que a presença de sujeitos não significa a presença de urbanidade.

“A inclusão explícita do espaço como forma de integração social é proposta aqui como modo de evitar o esvaziamento do seu papel na geração da urbanidade. Espaços que permitam a emergência da prática e do encontro, capazes de cortar através das diferenças sociais e gerar copresenças dos diferentes são os espaços da urbanidade” (NETTO, 2012, p.51).

Um espaço para ser dotado de urbanidade deve oferecer condições espaciais que possibilitem a integração social, o encontro, a troca de experiências, o livre transitar e permanecer dos sujeitos, repercutindo no bem estar das pessoas no espaço público. O contrário disso, reflete em espaços que apresentam dificuldades para a urbanidade, sem qualidade da forma.

Nada obstante, os espaços públicos das cidades podem oferecer aos seus usuários maiores possibilidades de interação, seja com o meio e/ou com outras pessoas, fazendo a interação corpo e espaço acontecer. Para Netto (2012), a cidade representa essa possibilidade de comunicação densa, por meio das interações, da conexão de atos e estruturação social, efetivando a urbanidade.

Assim, a urbanidade é considerada um tipo de espacialidade, que envolve espaço e pessoas que “mesmo que inconscientemente, relacionam-se naturalmente com o espaço urbano e assim usufruem da urbanidade” (AGUIAR, 2012, p. 76). Esse cenário urbano para ser dotado de urbanidade precisa ser consistente e apresentar clareza ao seu usuário.

Kevin Lynch, em seu estudo sobre a qualidade da imagem da cidade, revela que as cidades precisam apresentar espaços legíveis, em que seus elementos sejam facilmente reconhecíveis pelas pessoas. O autor adverte que

“Sem dúvida uma imagem clara nos permite uma locomoção mais fácil e rápida [...] Contudo, um ambiente ordenado pode fazer mais do que isso; pode servir como um vasto sistema de referências, um organizador da atividade, da crença ou do conhecimento. [...] Portanto, uma imagem clara do entorno constitui uma base valiosa para o desenvolvimento individual” (LYNCH, 1997, p. 3 e 4).

Ou seja, os elementos que conformam a cena urbana, sendo legíveis, permitem uma melhor apreciação do espaço da cidade, conferindo intensidade para as experiências humanas. Essa condição de legibilidade, pelo que entende-se, reflete o conceito de

urbanidade. Aguiar (2012) fez essa observação ao citar o estudo lynchiano, em que apreende a apreciação da cidade vista por Lynch, como a essência do conceito de urbanidade.

Diante desse contexto, o observador, para apreender a dinâmica da cidade e identificar a presença de urbanidade, “deve ter um papel ativo na percepção do mundo e uma participação criativa no desenvolvimento de sua imagem” (LYNCH, 1997, p. 6), a fim de alcançar a imagem da cidade em seus detalhes, de acordo com o movimento ditado pelos sujeitos, essencial ao espaço público.

UMA METODOLOGIA PARA ANÁLISE

Identificar a presença ou não de urbanidade no Centro refere-se às experiências de integração social obtidas através dos espaços da cidade. Com esse intuito foram levantados procedimentos para dar embasamento aos questionamentos inerentes a esta pesquisa.

Inicia-se esse embasamento com Netto (2012) que define três dimensões essenciais para uma visão da *urbanidade como efervescência do urbano*³:

“(a) uma dimensão fenomenológica: a urbe como possibilidade de compartilhar a experiência – uma forma de convívio e integração social pulsando na esfera do sujeito; (b) uma dimensão comunicativa: a urbe como lugar e meio da interação e da comunicação livre de coerção; (c) uma dimensão ontológica, envolvendo as relações entre práticas, significados e espaços da cidade como amarras da realidade social e material, e meios para a construção de outros sistemas de integração social” (NETTO, 2012, p.46).

Ou seja, a primeira dimensão irá tratar de uma análise da experiência que existe entre o sujeito e o papel do espaço urbano; já a segunda dimensão, traz à tona a prática comunicativa propriamente dita, com trocas linguísticas através dos espaços; a terceira e última, refere-se ao espaço como um sistema que integra a sociedade ao meio e possibilita trocas cotidianas.

Essas dimensões permitem o papel integrador da urbe, com uma urbanidade efetivada em um espaço que cumpre sua função social. Percebe-se que as três dimensões envolvem a relação social e espacial, destacando a urbe para a troca de experiências entre os sujeitos, levando em consideração os significados nos espaços da cidade, as trocas e dinâmicas do cotidiano. Entender essas dimensões para analisar e capturar como a urbanidade é percebida pelos sujeitos torna-se fundamental no desenvolvimento de uma análise socioespacial.

Para uma melhor apreensão dessas relações entre social e espacial, Holanda (2012), contribui com dois elementos essenciais para o estudo da urbanidade: cheios, entendido aqui como volumes; e os vazios, representados pelos espaços, com caráter socioespacial. No entanto, tais elementos representam o que o autor chamou de taxonomia socioarquitetônica,

³ Termo do próprio autor.

envolvendo relações entre arquitetura e comportamento humano. “Destrinchando a questão, podemos falar em urbanidade social – quando os atributos estiverem relacionados a modos de interação social – e urbanidade arquitetônica – quando os atributos estiverem relacionados ao lugar” (HOLANDA, 2012, p. 165). Contudo, é essencial compreender essa relação como um sistema indissociável e que forma a cidade, contribuindo para o estudo urbano.

A constituição desses espaços da cidade é entendido por Aguiar (2012) como arranjo espacial, introduzindo aí o entendimento da cidade como uma rede espacial, levando em consideração como os espaços públicos estão articulados entre si e como se relacionam aos outros elementos que os constituem. Lynch (1997) contribui para esse estudo, trazendo modos descritivos para apreender o espaço público em movimento, a fim de perceber identidades, possibilitando ao observador uma estrutura diagramática do espaço.

Para Panerai (2014, p. 163), “o mapa da cidade revela-se, em primeiro lugar, no traçado de seus espaços públicos. Estes se organizam em redes contínuas e hierarquizadas, duas qualidades que parecem ser fundamentais”. Isto quer dizer que, a continuidade das redes viárias e das massas edificadas possibilita caracterizar o espaço da cidade.

“As partes da cidade mais integradas espacialmente, mais oxigenadas, são aquelas com maior vitalidade, com mais pessoas utilizando e vivenciando o espaço. Por outro lado, se uma determinada situação urbana é sintaticamente segregada ela terá, por genética, por natureza espacial, um baixo grau de urbanidade, ainda que ela seja localmente bastante constituída” (AGUIAR, 2012, p. 75).

Assim, o autor passa a definir graus de urbanidade, que podem ser identificados pela presença de pessoas utilizando os espaços da cidade. Contudo, a presença nem sempre reflete em urbanidade, o mesmo explica que

“Essa mesma situação, curiosamente, no entanto poderá ter um alto grau de vitalidade, presença de pessoas, e mesmo sucesso comercial, dependendo do grau de atratividade das atividades que ali se localizam. Ainda assim essa situação terá, por definição, um baixo grau de urbanidade; ela sempre dependerá de atrativos para a realização da sua vitalidade” (Idem, 2012, p. 75).

Nesse sentido, um espaço para apresentar urbanidade não poderá depender da condição esporádica, de atrativos que aconteçam apenas em determinadas ocasiões. Tal atratividade deverá fazer parte da essência do espaço.

Jan Gehl (2015) também traz contribuições para o estudo da vida pública através dos desenhos da cidade, com as diversas funções que o espaço deve apresentar entre atividades necessárias, sendo opcionais e sociais, a fim de favorecer a urbanidade. Aqui, uma cidade para pessoas deve seguir quatro objetivos: cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Todas essas particularidades refletem em espaços públicos com qualidade de vida urbana. O autor, sugere cinco pré-requisitos para favorecer o encontro entre pessoas no espaço público:

- “1. Distribuir, cuidadosamente, as funções da cidade para garantir menores distâncias entre elas, além de uma massa crítica de pessoas e eventos.
2. Integrar várias funções nas cidades para garantir versatilidade, riqueza de experiências, sustentabilidade social e uma sensação de segurança nos diversos bairros.
3. Projetar o espaço urbano de forma a torná-lo convidativo tanto para o pedestre quanto para o ciclista.
4. Abrir os espaços de transição entre a cidade e os edifícios, para que a vida no interior das edificações e a vida nos espaços urbanos funcionem conjuntamente.
5. Reforçar os convites para permanências mais longas no espaço público, porque algumas pessoas por muito tempo em um local proporcionam a mesma sensação de vitalidade do que muitas pessoas por pouco tempo” (GEHL, 2015, p. 232).

No que tange ao exposto, percebe-se que para oferecer urbanidade aos espaços é necessário pensar no ser humano, conhecer suas características, e raciocinar numa escala confortável ao nível dos olhos e para o deslocamento do corpo. Então, a partir dessa compreensão de que o homem é o elemento fundamental para o planejamento urbano, Gehl (2015), adota estratégias/princípios que vão possibilitar o encontro entre os sujeitos nos espaços da cidade.

Através desses quesitos pode-se analisar o espaço da cidade, verificando se o mesmo oferece qualidade urbana ao pedestre, possibilitando perceber a presença da urbanidade no objeto de estudo. Assim, a urbanidade tem sua dinâmica a partir de cada cidade, cada bairro, cada localidade, e precisa ser compreendido todos os seus significados, de forma a evitar um empobrecimento quanto a sua assimilação pelo observador.

O CENTRO DE MACEIÓ: RECORTE DA ÁREA DE ESTUDO

O centro da cidade, pode ser definido através de várias adjetivações como: centro histórico, centro tradicional, centro de negócios, centro de mercado, centro principal (VARGAS; CASTILHO, 2009). Nesse sentido, é notória a importância desse núcleo urbano no seio da cidade, que mesmo com a expansão de áreas urbanas e novas centralidades⁴, ainda hoje, é passagem e paragem obrigatória para seus usuários.

“Os centros das cidades têm sido identificados como o lugar mais dinâmico da vida urbana, animados pelo fluxo de pessoas, veículos e mercadorias decorrentes da marcante presença das atividades terciárias, transformando-se no referencial simbólico das cidades. Historicamente eleitos para a

⁴ As centralidades serão aqui entendidas, parafraseando Sposito (2013), como a condição e a expressão de central que uma área pode obter, e não um lugar ou uma área da cidade.

localização de diversas instituições públicas e religiosas, os centros têm a sua centralidade fortalecida pela somatória de todas essas atividades, e o seu significado, por vezes, extrapola os limites da própria cidade” (VARGAS; CASTILHO, 2009, p. 1).

Os centros encontram sua importância devido ao seu intenso fluxo de coisas, pessoas, funções, como uma constante. E seu significado vai se transformando à medida que a sociedade/cidade também se modifica, e isso reflete intensamente no espaço público. “O centro é a concretização da participação dos indivíduos [...]. Ele é a probabilidade acrescida do encontro, que permite a construção de uma história coletiva a partir das histórias particulares” (CARLOS, 2013, p. 101). Ora, o espaço público do centro é a própria vida urbana incidindo, ele é a essência da cidade

O Centro de Maceió já foi um dia tudo aquilo que representava a cidade, narra sua história urbana e continua seu processo de evolução. Sua transformação está intrinsecamente ligada com a dinâmica da sociedade no espaço, que interage e modifica sua paisagem. Compreender essa relação faz parte da construção de uma análise socioespacial, uma vez que reflete a importância dos espaços públicos ali existentes. Assim, para o perímetro de estudo foi abordado o espaço público do Centro de Maceió, que compõe o núcleo histórico da cidade.

Atualmente, pode-se dizer que o Centro de Maceió possui espaços degradados e permanece com seu viés econômico, mas não deixou de apresentar um dinamismo. Hoje, nota-se a predominância do comércio na área central do bairro, onde se encontram as ruas com calçadões e margeando essa área, tem-se a concentração de usos institucionais. Além desse uso, existe uma variedade de diversos usos em outras extensões, com ressalva para o uso residencial que passa a se localizar nos extremos do bairro, constatando o esvaziamento das habitações. Este último fato, influencia consideravelmente na dinâmica do Centro, visto que no período noturno após encerramento de expediente de empresas e comércios, o bairro adquire um caráter de abandono, aumentando a sensação de insegurança.

Para esta pesquisa, optou-se por priorizar ruas que oferecem em seus trechos um maior fluxo de pessoas transitando e permanecendo em seus espaços, levando em consideração sua diversidade de tipologias e funções, assim como, atentando para os espaços livres emblemáticos e edificações em seu entorno, apresentadas como marcos para a cidade.

A área de estudo é composta por cinco ruas conectadas através dos eixos viários: 1) Rua do Sol, abrangendo a área composta pela Praça Marechal Floriano Peixoto e suas edificações do entorno; 2) Rua do Comércio; 3) Rua Augusta, mais conhecida como Rua das Árvores; 4) Rua do Livramento, levando em consideração o Largo Rosa da Fonseca, a Praça Marechal Deodoro e as edificações presentes no entorno; 4) Rua 2 de Dezembro, que interliga a Rua do Comércio à Rua do Sol, trazendo a Praça Dom Pedro II e seus edifícios imponentes.

Nas ruas existe a presença de vias principais e secundárias, ambas pavimentadas, que se interligam e geram um movimento de continuidade dos fluxos de pessoas e veículos. Todas as ruas destacadas no recorte são intensamente utilizadas por seus usuários.

Essas ruas apresentam funções alternadas em alguns trechos. A Rua do Sol, a Rua Augusta e a Rua 2 de Dezembro, são destinadas para trânsito de veículos particulares e públicos, com calçada para os pedestres que se encontram com obstáculos e interrompem a continuidade do percurso, seja pela sua ocupação por ambulantes ou pela própria má condição estrutural do passeio em alguns segmentos. Em suma, é notória a infraestrutura ainda precária da área, e apesar de existirem trechos exclusivos para pedestres, as vias em sua maioria são destinadas aos transportes automotivos.

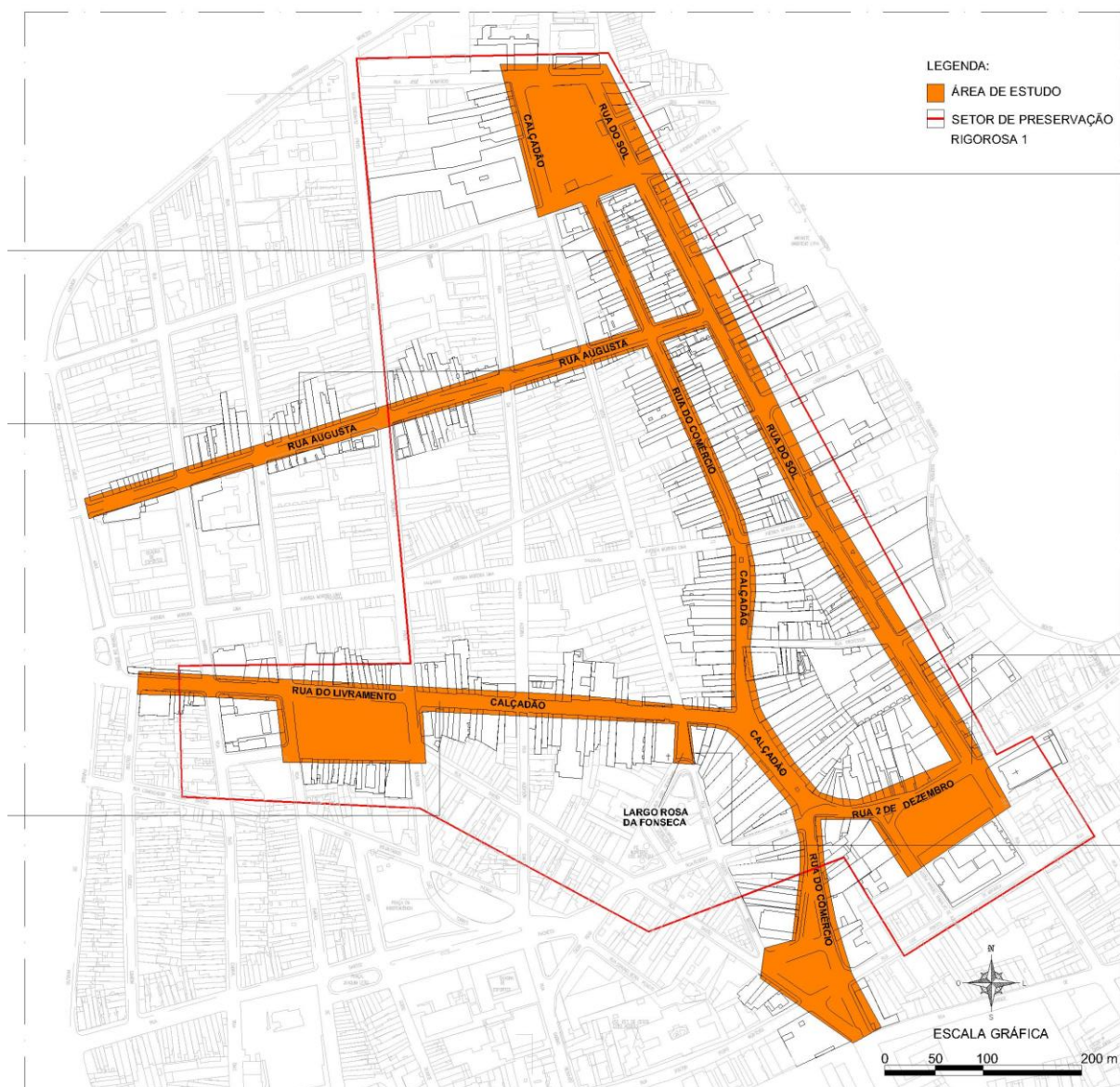


Figura 1: Mapa do Centro com destaque para o recorte da área de estudo. Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

O recorte da área de estudo revela a essência do Centro de Maceió. Cada rua representa uma particularidade distinta, mas que em conjunto desponta o seu significado atual para a cidade, que caminha nas várias vertentes, social, cultural, artístico, econômico, inferindo na imagem, através da identidade e memória das pessoas. Evidente que essas

vertentes apresentam graus diferentes de importância para as pessoas, e a desvalorização dos espaços e o surgimento de outras centralidades modificam a cada dia esse significado.

CARTOGRAFANDO O ESPAÇO PÚBLICO DO CENTRO

Sempre que ia ao Centro tinha um objetivo pré-estabelecido, que geralmente, se referia à compra de materiais/objetos ou utilização de algum serviço. E em sua maioria, dava preferência a passos largos a fim de cumprir com mais agilidade meus afazeres. No entanto, para perceber a essência da área de estudo precisei aliviar os passos e observar o que estava acontecendo à minha volta, e isso mudou minha percepção sobre aquele lugar. Comecei a traduzi-lo nos detalhes e compreender a importância daquele espaço público não só para a cidade, mas principalmente para as pessoas. Dito isso, revelo aqui algumas das informações adquiridas e percebidas no Centro de Maceió.⁵

Para iniciar esse estudo, primeiramente, entende-se que os espaços públicos do Centro possuem limites estabelecidos por meio do seu entorno, com elementos que o delimitam e traçam o seu desenho, separando o público do privado. Na área de estudo pode-se perceber esses limites através do Mapa de Cheios e Vazios (Figura 2), mostrando nitidamente a proporção existente entre o espaço aberto e o edificado/privado, sua organização em redes contínuas e hierarquizadas por meio dos espaços livres, que representam um caráter socioespacial.

Observa-se que a área em questão traz seu tecido urbano consolidado com a predominância do traçado irregular, com um forte adensamento de edificações em sua maioria germinadas e sem recuos frontais, trazendo um espaço impermeável, numa morfologia que se forma entre o edificado e não edificado.

Em relação ao edificado, há um intenso uso de edificações voltadas ao comércio, que prevalece sobre todos os outros, sendo o espaço público voltado para aqueles que oferecem ou buscam algum tipo de mercadoria e/ou serviço. Até mesmo, as edificações que propiciam uma parada para o descanso, através do comércio alimentício, têm seus locais para degustação no interior da edificação, distante do movimento do espaço público, isso mostra que dificilmente as funções das edificações se estendem ao espaço externo, de modo que pudesse possibilitar ao usuário uma visão mais ampla daquele cenário, a fim de participar/observar o cotidiano que acontece no espaço público. Esse primeiro olhar, demonstra que o fluxo de pessoas nesses espaços é temporário, formando um movimento pendular que remete-se aos horários em que estes produtos/serviços estão disponíveis.

⁵ Alguns trechos desse tópico serão compostos por escritos do diário de campo elaborados pela autora/cartografista, representados em itálico e na primeira pessoa do verbo.

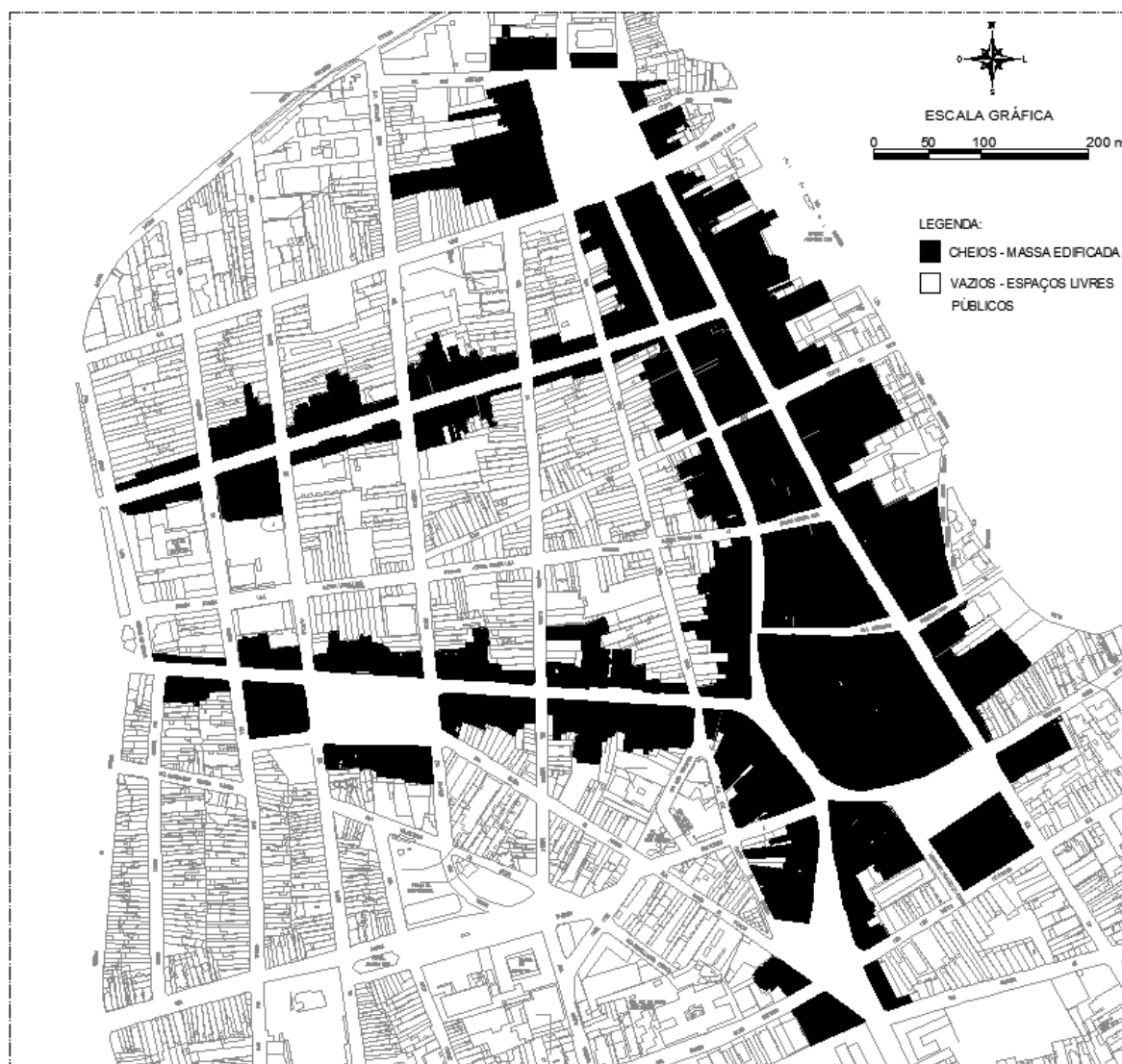


Figura 2: Mapa de cheios e vazios do recorte da área de estudo. Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Nessa mesma lógica, tem-se as edificações que compreendem o uso de serviços, visto que o horário de funcionamento ocorre no mesmo período. A Rua do Sol oferece uma maior concentração de serviços, diferente das ruas do Comércio e do Livramento, onde predominam as lojas comerciais. O uso institucional – religioso, educacional, museus, teatros, saúde e edifícios públicos – representa uma parcela menor na ocupação do solo do bairro, no entanto, tais edificações causam um diferencial, já que algumas possuem atividades culturais, artísticas e interativas, que funcionam também no período noturno, proporcionando o encontro de pessoas que se estende ao espaço público.

Além das atividades culturais e artísticas proporcionadas no interior de edificações, o próprio espaço público também concentra algumas atividades, como os blocos carnavalescos (Figura 3), festas religiosas. Também é palco para expressões de grupos de teatro, dança, performance entre outros, que acontecem esporadicamente. Além disso, existem aquelas

apresentações espontâneas, mais recorrentes, que ocorrem no cotidiano do Centro e que viram tradição, geralmente no intuito de arrecadar algum tipo de rendimento.

Caminhar e ser surpreendido por esse movimento artístico/cultural, me parece oferecer momentos aprazíveis no cotidiano do Centro, pelo menos é assim que me sinto toda vez que sou interrompida pelo inesperado, claro que, nem sempre pode-se parar para apreciar, mas torna-se um motivo para permanecer por mais tempo naquele espaço. Bem assim, foi quando presenciei o bloco carnavalesco, que mudou toda a dinâmica por onde passava, as pessoas começaram a interagir com aquele acontecimento, dançando, fotografando, aplaudindo. Um movimento inesperado que chamou atenção e animou a todos que estavam ali, inclusive a mim.



Figura 3: Bloco carnavalesco no calçadão do Centro. Fonte: Acervo nosso, 2017.

Outra ocupação relevante no solo são as praças (Figura 4), que com sua função principal de estar geram uma maior concentração de pessoas que permanecem no espaço público, por oferecerem um ambiente mais convidativo, com árvores, mobiliário urbano, e por ser um espaço aberto que distancia seus usuários do trânsito de veículos, além de conformar uma paisagem mais ampla do entorno. Pode-se dizer, que esses espaços são os mais convidativos para a permanência de seus usuários.



Foto 4: Apropriação do espaço público na Praça Marechal Floriano Peixoto. Fonte: Acervo nosso, 2017.

O uso em período noturno também acontece nas praças – Praça Marechal Floriano Peixoto, Praça Dom Pedro II, Praça Marechal Deodoro e Praça Adhemar Barros, antiga Praça dos Palmares – apesar de apresentar uma menor intensidade do fluxo de pessoas. As três primeiras têm em seu entorno edificações como igrejas, museus, teatro, que intensificam seu uso. A última praça, apesar de não ter tais edifícios como atrativos, é movimentada pelo comércio informal com churrasquinhos que possuem uma certa tradição no local.

Além dos usos citados acima, percebe-se a presença de vazios urbanos edificados na área de estudo, que se refere a edifícios que não cumprem sua função social (Figura 5), e que mudam o caráter do espaço, gerando não só uma paisagem inóspita, mas também aumentando a sensação de insegurança no local, mesmo naqueles espaços mais movimentados, principalmente nos períodos noturnos.



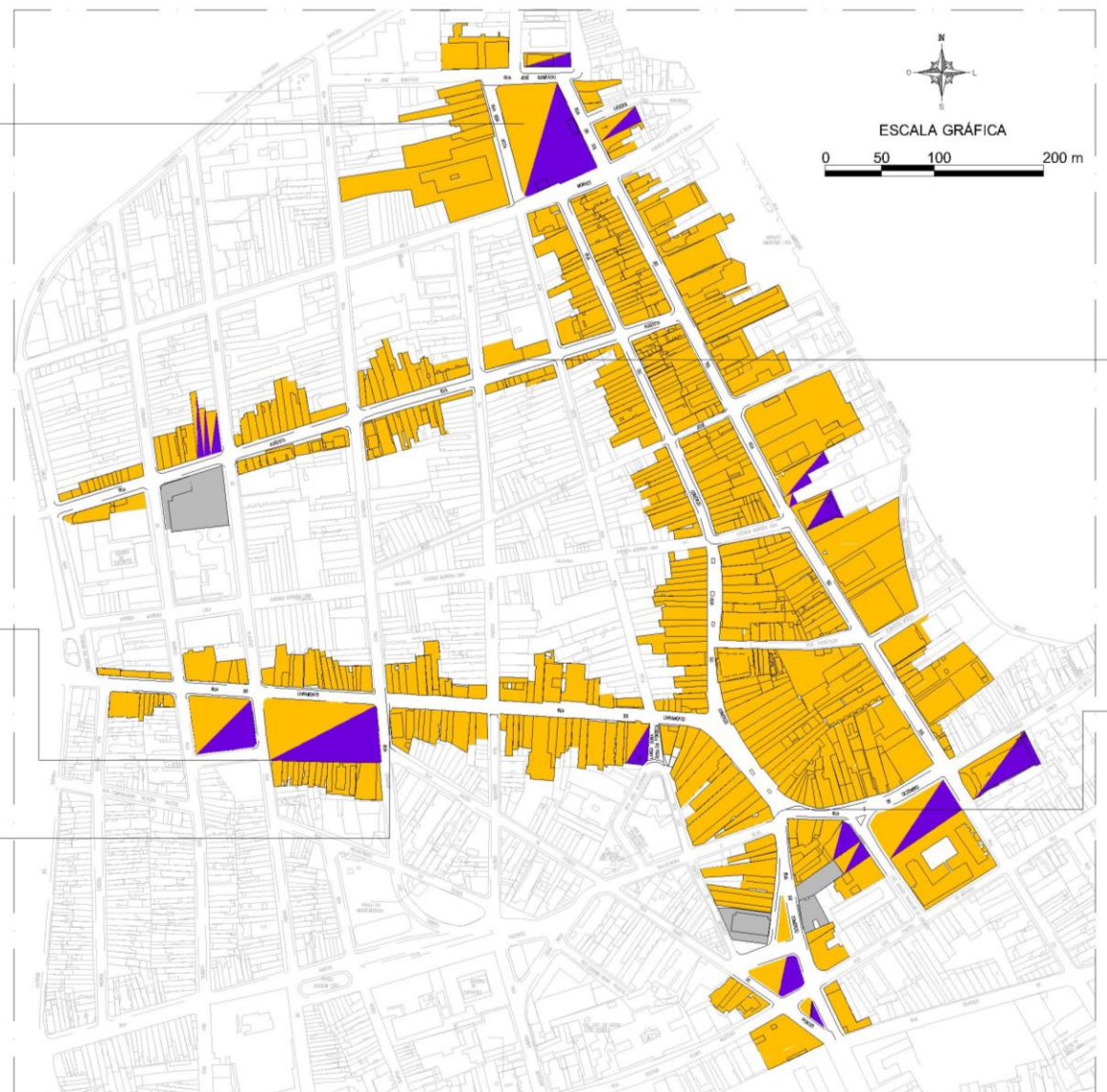
Figura 5: Vista da Praça dos Palmares com destaque para edificação sem uso. Fonte: Acervo nosso, 2017.

Outro fator importante, consiste na ausência do uso residencial no recorte proposto, que representa e confirma a desvalorização da área para a moradia, assim como, torna-se o denominador de que o fluxo de pessoas por essas ruas são, em sua maioria, trabalhadores e usuários dos serviços que estão disponíveis no Centro.

Assim, ao tratar dos usos que conformam a área de estudo, observa-se que seu funcionamento se dá em determinados horários do dia, e o quanto podem interferir no movimento de pessoas no espaço público. Existe, claramente, a predominância de atividades no período diurno, que acarreta num esvaziamento pela noite, modificando drasticamente a imagem do Centro, tornando-o perigoso e pouco procurado por seus usuários (Ver mapa de atividade diurnas e noturnas, Figura 6).

A primeira palavra que posso pronunciar sobre o Centro no período noturno é medo. Ruas vazias, lojas fechadas, pouca iluminação, árvores que se de dia são um alívio para o calor, a noite possuem um aspecto macabro, onde outras pessoas má intencionadas podem se esconder e causar transtornos. Essa impressão, já possuía, o que não sabia é que poderia sim existir um movimento positivo nesse horário em alguns pontos do bairro, como quando vi crianças brincando na Praça Marechal Floriano Peixoto acompanhadas de

seus pais, ou no momento em que presenciei pessoas ainda caminhando tranquilas no calçadão do comércio e o movimento nos churrasquinhos improvisados nas praças.



LEGENDA:





-  ATIVIDADES DIURNAS
-  ATIVIDADES NOTURNAS
-  ATIVIDADES MISTAS - DIURNAS/NOTURNAS
-  SEM ATIVIDADES - VAZIO URBANO

Figura 6: Mapa de atividades diurnas e noturnas do recorte da área de estudo. Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

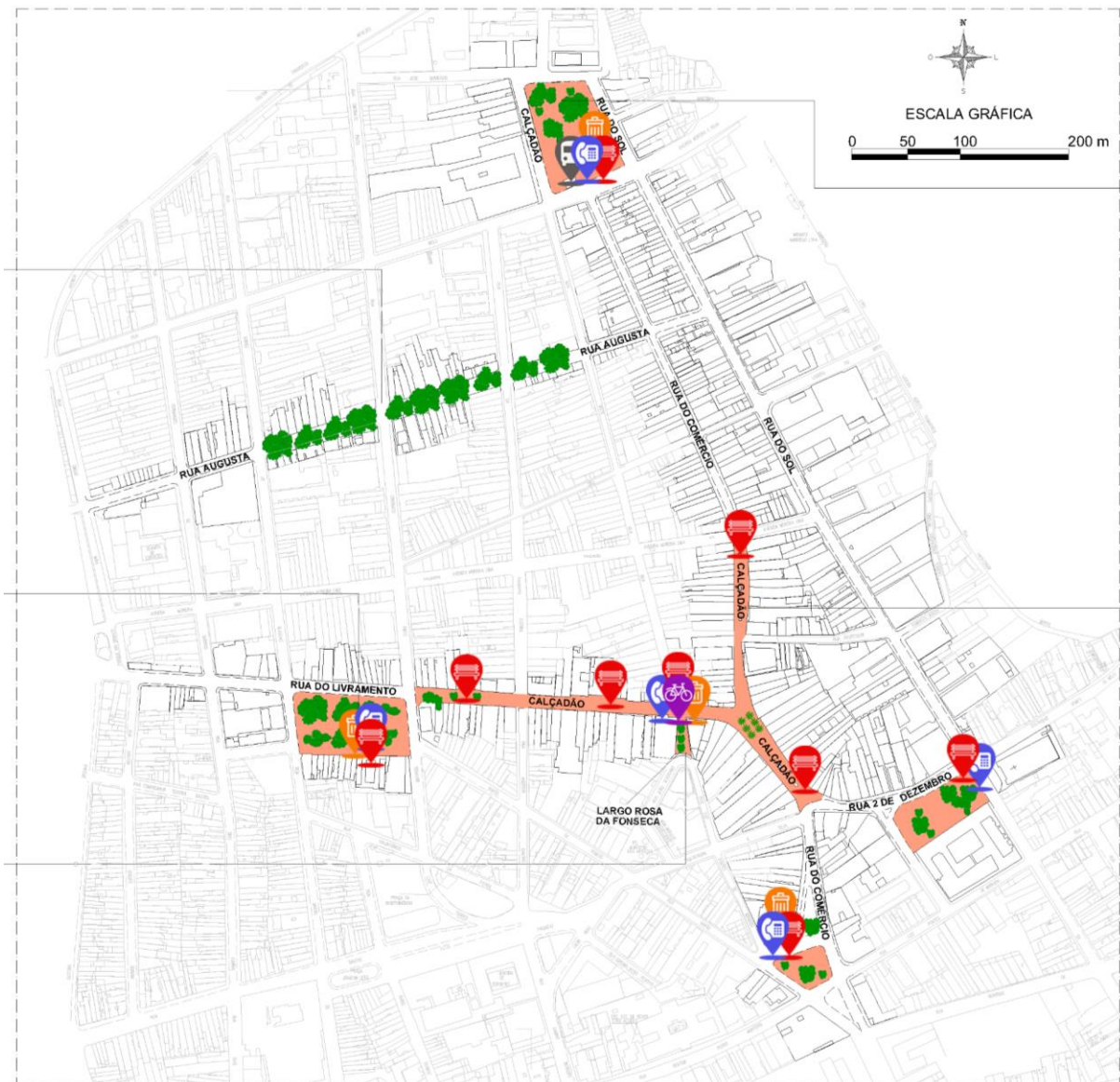
É certo que o espaço público tem aspectos positivos, visto que sua rede espacial interliga lugares com funções diferentes, alternando entre a transitoriedade e a prevista permanência em alguns locais, que se tornam referência e integra as relações sociais que ali acontecem. Mas, a deficiência em alguns quesitos, como do uso habitacional e atividades noturnas, por exemplo, gera uma sensação de insegurança que pode se tornar um obstáculo para os usuários, limitando a utilização desses espaços.

Além disso, o gabarito das edificações também representa um papel importante no espaço público, uma vez que interferem na visão do usuário, podendo ser um elemento integrador do espaço ou mesmo gerador de distâncias. O Centro possui uma dinâmica acelerada no seu espaço público, visto que os transeuntes percorrem as ruas geralmente com objetivos programados e não atentam com amplitude dos pavimentos acima do térreo, seja por passos apressados, por vitrines que auferem a cena ou pelo cuidado em desviar de outras pessoas e/ou obstáculos no percurso, e também por causa de ruas estreitas que limitam o olhar do usuário. Assim, a motivação para o caminhar se refere a atingir algum objetivo pré-estabelecido, e não por almejar usufruir daquele espaço.

Como último ponto, segue o Mapa de Arborização e Mobiliário Urbano Existente (Figura 7), inserido no contexto dos espaços livres. Nele, é possível identificar, as áreas que são mais atraentes para a permanência do usuário no espaço público, composta por todas as praças e determinados segmentos do calçadão, além do Largo Rosa da Fonseca. Pois, estes são os lugares que oferecem conforto e proteção ao usuário, com possibilidades para o caminhar, distâncias razoáveis para o observar, apoios para o descanso, presença de árvores, permitindo trocas comunicativas entre as pessoas.

Ao analisar o mapa, percebe-se um agravante quanto à pouca arborização no perímetro, são evidentes os espaços públicos com nenhum tipo de vegetação e a deficiência de áreas permeáveis, o que modifica completamente os aspectos climáticos, provocando uma sensação térmica mais quente, influenciando no conforto e prazer de permanecer ou caminhar.

A Rua Augusta ou como é conhecida, Rua das Árvores, é a única que apresenta uma riqueza e continuidade na arborização, tornando a sensação térmica do ambiente mais amena, devido ao sombreamento. No entanto, seu uso é compartilhado entre pedestres, ambulantes e veículos, muitas vezes causando transtornos e insegurança.



LEGENDA:

- ARBORIZAÇÃO EXISTENTE
- ÁREA COM MOBILIÁRIO URBANO

MOBILIÁRIO URBANO:

- BANCOS
- ORELHÃO
- LIXEIRO
- BICICLETÁRIO
- PONTO DE ÔNIBUS

Figura 7: Mapa de sistema viário do recorte da área de estudo. Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quando adentro a Rua das Árvores meu passo desacelera, sinto um alívio imediato pela sensação causada pela sua arborização. Ela sempre estar no meu roteiro, não importa o motivo de ir ao Centro, a passagem pela Rua das Árvores é obrigatória. Além do que, sempre me vem à memória um pouco da sua história, e por várias vezes reflito sobre o que pode ter sido o Centro em tempos remotos. Sensações resgatadas através do filme “Rua das Árvores” da autoria de Alice Jardim, por meio de relatos de antigos moradores que faziam daquela rua placo de seu cotidiano.



Figura 8: Movimento intenso da Rua Augusta (Rua das Árvores). Fonte: Acervo nosso, 2017.

As análises do recorte da área de estudo proporcionam o entendimento sobre o que leva as pessoas a se apropriarem do espaço público do Centro, assim como, os motivos pelo qual passam a usá-lo apenas com transitoriedade. Destarte, com os resultados obtidos, será levada em consideração a percepção adquirida quanto à presença e/ou ausência de urbanidade.

EXISTE URBANIDADE NO CENTRO?

Após a análise do espaço público contemporâneo do Centro e a influência de seu entorno, será decorrido sobre os aspectos que retratam a urbanidade por meio da experiência obtida, se apropriando dos procedimentos levantados pelos autores que embasaram esta pesquisa, e acrescentando o olhar sensível adquirido com as atividades de campo.

Em primeiro lugar, retoma-se o que Netto (2012) chamou de dimensões da urbanidade. No recorte da área de estudo proposto percebe-se a presença das três dimensões: (a) fenomenológica, pois o espaço público do Centro oferece a possibilidade de encontros, através da copresença; (b) comunicativa, visto que o fluxo de pessoas possibilita que os atores interajam entre si; (c) ontológica, devido a integração desses atores com o meio. Essas dimensões com caráter social somente são efetivadas a título de urbanidade, quando ocorre sua integração com o espacial. É visível que no estudo apresentado percebe-se deficiências estruturais no espaço que interferem nessa relação, no entanto não parece

desvalorizar a importância da troca de experiências entre as pessoas no seu espaço público. Além do que, esses espaços podem ser revistos e repensados para oferecer aos usuários melhores possibilidades de apropriação.

Ao mesmo tempo, faz-se necessário refletir sobre os graus de urbanidade sugeridos por Aguiar (2012), que são identificados através da apropriação das pessoas nos espaços da urbe. Nesse quesito, o Centro apresenta diferentes configurações de urbanidade apreendidas através dos períodos diurno e noturno. Percebe-se que no período diurno seu espaço público é utilizado intensamente pelas pessoas, com acontecimentos esporádicos e permanentes, apresentando um alto grau de urbanidade. Contudo, no período noturno tem-se um movimento contrário, já que a maioria das atividades encerram seu expediente, transformando a imagem do Centro numa paisagem deserta e, por vezes, insegura, com atividades em alguns locais pontuais. Nesse período, acredita-se que a área de estudo possui um baixo grau de urbanidade, pois perde, consideravelmente, sua vitalidade. Assim sendo, pensar na possibilidade de sobreposições de funções e espaços mais convidativos, pode-se oferecer uma dinâmica mais ativa nos diversos períodos.

Quanto aos cinco pré-requisitos para a dimensão humana de Gehl (2015), na área de estudo, nota-se que: a falta de funções em determinados períodos no perímetro, interfere na sensação de segurança, como dito anteriormente; o espaço público torna-se pouco convidativo por não oferecer melhores condições para permanência de pedestres e a motivação pelo uso de outras formas de mobilidade, como o incentivo ao uso de bicicletas com ciclovias; em sua maioria, as edificações não se integram com o espaço público, de forma a funcionarem conjuntamente, versatilidade entre interior e exterior. Portanto, não há uma distribuição legível e nem uma integração das diversas funções no bairro, vale advertir ainda, a ausência do uso residencial na área de estudo, mas, ainda assim, existem convites para permanências mais longas no espaço público, principalmente em períodos diurnos.

Desse modo, os resultados obtidos por meio da análise socioespacial demonstra que a área de estudo apresenta uma dinâmica intensa devido ao fluxo de pessoas que transitam e permanecem em seu espaço público pelos mais diversos motivos, e que apesar de não proporcionar uma qualidade urbana mais efetiva em seus espaços, de modo a oferecer urbanidade em sua completude, sua apropriação acontece cotidianamente, e quando há dificuldades e/ou empecilhos, as pessoas respondem de modo criativo e com legitimidade, contribuindo com a construção da identidade do lugar.

No entanto, o potencial do Centro da cidade de Maceió é notório, já que é lugar de passagem obrigatória para todos os moradores da cidade que buscam seus diversos serviços, contém espaços livres que podem propiciar maiores momentos de encontro e trocas comunicativas, e uma paisagem digna de ser observada. Além do mais, seus espaços são enriquecidos de história e cultura. Perceber a vivacidade existente no Centro é encontrar e/ou descobrir uma relação intrínseca com a cidade. E, pensar novas possibilidades para o Centro, revela um sentido de intensificar o uso prolongado de seu espaço público, resgatando o valor de sua imagem para as pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo, procurou-se identificar o nível de urbanidade oferecido às pessoas no espaço público e a importância de sua apropriação efetiva, de modo a identificar uma cidade que se apresente mais convidativa e prazerosa, estimulando a permanência de seus usuários.

A urbanidade foi avaliada através da experiência observacional participativa, que acarretou na construção e análise de mapas temáticos e registros fotográficos⁶, que auxiliaram na leitura da apropriação do espaço. Esse material contribuiu para obtenção de resultados positivos, visando uma melhor compreensão do espaço público e apresentação de sensações de urbanidade, que foram expostas através de relatos do cotidiano. Observar e participar do Centro consistiu em apreender a dinâmica que envolve seu cotidiano, suas diversas funções e a celeridade de informações ali existentes.

Com o processo de construção da análise socioespacial, o Centro começou a apresentar novos significados, uma vez que se revelou em espaços com potencialidades para as relações sociais, além de já possuir lugares com caráter acolhedor.

É evidente que muitas áreas do Centro encontram-se em estado de deterioração e/ou não priorizam o transeunte, no entanto, são passíveis de ações para melhorias, através de um planejamento urbano que deve acompanhar as transformações e exigências da cidade contemporânea, no sentido de atender a demanda da sociedade, que busca por espaços de liberdade de interação consigo mesma e com o meio.

O mais importante é perceber que o Centro de Maceió não está tão aquém de outras cidades quando se trata da apropriação dos usuários e as motivações para sua permanência. Estar sim, em relação a infraestrutura e a qualidade de espaços legíveis, mas, mesmo assim, pode-se considerar que a apropriação do espaço público acontece efetivamente por seus usuários.

Este trabalho lança um possível debate sobre as experiências obtidas nos espaços públicos, na procura de caminhos para o desenvolvimento urbano, no intuito de atingir uma vivacidade que estimule as pessoas a usufruir inteiramente de seus espaços livres, construindo, reconstruindo, pertencendo e participando da urbe, fazendo acontecer seu direito à cidade.

E por fim, ter experiências no espaço público do bairro despertou um olhar mais sensível para o Centro de Maceió, me inserindo naquele espaço, observando minhas sensações e interagindo com o meio. Isso me fez perceber que discursar sobre a apropriação do espaço público não é uma tarefa que se encerra, visto que os acontecimentos estarão sempre em continuidade num ciclo infinito, e que se modifica a cada passagem, apresentando

⁶ O trabalho completo apresenta uma maior riqueza de mapas temáticos e fotografias que auxiliaram no desenvolvimento e conclusão desta pesquisa.

novas linguagens e formatos. Considerei o sentimento de pertencer à cidade, numa identificação mais apurada com o lugar, como instigador da urbanidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, D. Urbanidade e a qualidade da cidade. In: AGUIAR, D.; NETTO, V.M. (Org.). *Urbanidades*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2012.
- CARLOS, A. F. A. *A Condição Espacial*. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. A prática espacial urbana como segregação e o “direito à cidade” como horizonte utópico. In: VASCONCELOS, P.; CORRÊA, R.; PINTAUDI, S. (Org.). *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013.
- GEHL, J. *Cidade para pessoas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GOMES, P. C. C. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. *Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- HARVEY, D. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HOLANDA, F. de. Urbanidade: arquitetônica e social. In: AGUIAR, D.; NETTO, V.M. (Org.). *Urbanidades*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2012.
- LEITÃO, Lúcia. Arquitetura, espaço, desejo. In: *Onde coisas e homens se encontram*. Anablumme, 2014.
- LYNCH, K. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NETTO, V. M. A urbanidade como devir do urbano. In: AGUIAR, D.; NETTO, V.M. (Org.). *Urbanidades*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2012.
- PANERAI, P. *Análise Urbana*. Coleção Arquitetura e Urbanismo. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.
- PEREIRA, M. da S. Gestos urbanos: pensar o tempo. In: BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Corporidade: gestos urbanos*. Salvador: UFBA, 2017.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.
- _____. *Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Edusp, 2012.

SERPA, A. *O Espaço Público na Cidade Contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P.; CORRÊA, R.; PINTAUDI, S. (Org.). *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013.

VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. *Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados*. 2. ed. revisada e atualizada. Barueri: Manole, 2009.